

**MEMORIAL APRESENTADO À BANCA EXAMINADORA DO CONCURSO PARA PROVIMENTO DE CARGO DE PROFESSOR ASSISTENTE, JUNTO AO DEPARTAMENTO DE CINEMA, RÁDIO E TELEVISÃO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Neste Memorial, discrimino e sistematizo, para fins de concurso ao cargo de Professor Assistente, os dados referentes a minhas atividades de ensino e pesquisa. Os documentos comprobatórios estão compilados numa pasta a parte e poderão ser consultados na Diretoria Técnica de Serviço de Apoio Didático (Setor de Concursos) da ECA/USP.

**1. IDENTIFICAÇÃO**

**1.1. Dados pessoais:**

Nome completo: Arlindo Ribeiro Machado Neto  
Nacionalidade: brasileiro  
Naturalidade: Pompéia (SP)  
Nascimento: 17 de julho de 1949  
Estado civil: casado  
Filiação: Fidelino Machado e Holanda Barbosa Machado  
Endereço: Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 2.001 - bloco 76 apto.  
15 - Alto de Pinheiros - CEP 05458 - tel. 261-1459 -  
São Paulo (SP).

**1.2. Documentos:**

R.G. 4.890.774 - Expedida pela Secretaria da Segurança Pública de São Paulo a 03.02.69.  
Título eleitoral 867809401-83, zona 251, seção 170 - Expedido a 18.09.86 pelo Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.  
Certificado de Reservista de 2a.Cat. 15326, 6a. CSM, 2a. RM - Expedido a 29.11.68 pelo Ministério do Exército/SP.  
Carteira Profissional 26378 - série 213a. - Emitida pela Delegacia Regional do Trabalho de Marília (SP).  
Cartão de Identificação de Contribuinte 207.461.648-15, expedido pela 8a. Região Fiscal da Secretaria da Receita Federal.  
Passaporte CD-456166, emitido pelo Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras, em São Paulo, 19.02.90.  
Cartão de Identificação da USP nº 485438, categoria Docente.

**1.3. Escolaridade:**

- 1o. Grau: Grupo Escolar de Pompéia: 1956 a 1959.
- 2o. Grau: Colégio Estadual e Escola Normal de Pompéia: 1961 a

1965.

Colegial (Científico): Colégio Estadual e Escola Normal de Pompéia: 1966

Escola Normal: Colégio Estadual e Escola Normal de Pompéia: 1967 a 1968.

Superior: Bacharel em Letras (Português e Russo) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Curso iniciado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, no período de 1969 a 1971): 1973 a 1977. Diploma registrado.

Licenciado em Letras (Língua Portuguesa) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: 1977 a 1978. Diploma registrado.

#### 1.4. Titulação:

Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação apresentada: **A Ilusão Especular (Ensaio sobre a Fotografia)**. Orientação: Maria Lúcia Santaella Braga. Data da defesa pública: 22.12.83. Banca: Maria Lúcia Santaella Braga, Haroldo de Campos, Laymert Garcia dos Santos.

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação apresentada: **A Arte do Vídeo**. Orientação: Maria Lúcia Santaella Braga. Data da defesa pública: 17.12.87. Banca: Maria Lúcia Santaella Braga, Samira Chalhub, Norval Baitello, Virgílio Noia Pinto, Ana Maria Balogh.

## 2. TRAJETÓRIA

Quando iniciei minha pesquisa para a dissertação de mestrado, no início dos anos 80, meu projeto inicial consistia basicamente numa investigação sobre a **imagem técnica**, entendida como tal a imagem produzida através de aparelhos de enunciação (câmeras, principalmente). Tal pesquisa visava simultaneamente os recursos expressivos (linguagem), as determinações ideológicas e os deslocamentos gnosiológicos que as máquinas de enunciação provocam na cultura do homem. O projeto, evidentemente, era amplo demais e também muito ambicioso, abrangendo um leque de sistemas expressivos que incluía a fotografia, o cinema e os meios eletrônicos. À medida que fui trabalhando no assunto, o campo de pesquisa foi se ampliando de tal maneira que comecei a perceber que o meu tema demandava uma pesquisa a longo prazo (na verdade, ele implicava todo um projeto de vida). Na ocasião, acatei a sugestão de minha orientadora (Prof<sup>a</sup>. Lúcia Santaella) no sentido de defender como dissertação de mestrado apenas a primeira parte do trabalho, referente ao exame da fotografia (de que resultou o trabalho **A**

**Ilusão Especular**, editado pela Ed. Brasiliense), deixando as outras duas (cinema e meios eletrônicos) para pesquisas futuras. Após a obtenção do título de mestre, continuei trabalhando no projeto, mas procurando abordar cada uma das duas partes restantes de forma independente. No entanto, devido a uma série de contingências da vida profissional (solicitações para cursos, para palestras etc.), a parte referente à imagem eletrônica cresceu mais rapidamente que a referente ao cinema e, por essa razão, ela acabou resultando na tese de doutorado e no livro **A Arte do Vídeo**, editado pela Ed. Brasiliense. Novos desdobramentos de meus estudos sobre a imagem eletrônica, agora abarcando também os recursos enunciadores da informática, me ocuparam durante praticamente todo o período que vai da defesa da tese de doutoramento até a redação do presente Memorial e desse trabalho resultou o livro **Máquina e Imaginário**, que será editado pela EDUSP no primeiro semestre deste ano. Estou agora retomando e revendo toda a parte de meu projeto original referente ao cinema e acredito que deverá ser o eixo principal de minhas atividades de pesquisa no próximo período, inclusive de uma possível livre-docência.

Apesar de eu ter redigido cada uma das partes de minha pesquisa de forma autônoma, para que pudesse ser lida sem necessidade de conhecimento prévio dos textos referentes às outras partes, não se pode perder de vista que se trata de um estudo comparativo no âmbito da imagem técnica como um todo, razão porque, em qualquer das partes, faço referência constante a outros meios e linguagens. Portanto, mais do que conhecer um sistema expressivo em si, o que realmente importou para mim, durante todo esse tempo, foi ver como esse sistema se insere no universo da imagem técnica, como ele dá continuidade a outros e, ao mesmo tempo, deles se diferencia.

três cursos extracurriculares (optativos) que ministrei no Curso de Jornalismo da PUC/SP e que foram de fundamental importância para o destino de minhas pesquisas ("Vídeo: Linguagem, Estética, Perspectivas", "Alternativas para a Televisão" e "Vídeo e TV como Sistemas Significantes"). Para a realização desses cursos, tive de reunir um acervo de material iconográfico constituído de filmes, trabalhos de vídeo-arte, coletâneas de videocliques e vinhetas de computação gráfica, amostras de programação televisual internacional e exemplos de produção independente. Obtive esse material através de embaixadas e consulados, de produtores de vídeo e também por ocasião de uma viagem a Nova York realizada em 1982. Essa coleção foi crescendo ao longo do período e hoje abrange um conjunto de 560 fitas e discos de vídeo, com mais de mil trabalhos gravados. Sem o contato com todo esse material, teria sido difícil, senão impossível, realizar pesquisas sobre a imagem técnica durante todo esse período, sobretudo nas condições brasileiras, de absoluta escassez de memória áudio-visual.

Várias outras atividades foram importantes em termos de levantamento de material, contatos com gente da área e oportunidades de ampliar o repertório sobre o assunto. Em 1980, para fins de preparação de seminário e monografia final para a disciplina de pós-graduação **Teoria da Comunicação**, ministrada pelo Prof. Décio Pignatari, visitei os estúdios da Rede Globo de Televisão e acompanhei a edição do **Jornal Nacional**. Desde 1983, tenho participado ativamente da preparação e realização das várias edições do Festival (agora internacional) Fotoptica VideoBrasil e também da mostra Cinevídeo, através das quais estive em contato permanente com realizadores brasileiros e estrangeiros. Creio que também foi fundamental o período 1977-1981, ocasião em que estive envolvido na edição da revista de cinema **Cine-Olho**, quando pela primeira vez pude exercer um trabalho intensivo de crítica cinematográfica e de crítica das mídias e quando ainda pude realizar seis curtas-metragens cinematográficos em 16 e 35 mm na qualidade de diretor e travei contato direto com problemas de produção e linguagem nos meios áudio-visuais. No período 1984-1986, fui contratado como crítico de fotografia e meios eletrônicos pelo jornal **Folha de São Paulo** e, nessa ocasião, pude exercitar um intenso trabalho de "leitura" de meios áudio-visuais. Finalmente, o contato estreito com grupos que discutem e praticam rádios e televisões livres e/ou alternativos, a partir de 1985, permitiram-me aprofundar a problemática institucional e política da televisão e dos meios em geral (desse contato, resultou um livro em co-autoria: **Rádios Livres: a Reforma Agrária no Ar**, editado pela Ed. Brasiliense).

O período que considero mais produtivo em minhas atividades de ensino e pesquisa foi aquele marcado sobretudo pelo meu trabalho no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC (a partir de 1986). Ali encontrei um ambiente propício para o aprofundamento das pesquisas, graças à qualidade do quadro de professores, orientandos e alunos em geral, bem como à intensa atividade intelectual lá desenvolvida (debates, palestras, cursos) e à oportunidade de oferecer disciplinas mais afinadas com minhas áreas de pesquisa. Nesse período, criamos o Núcleo de Linguagens Visuais (coordenado por mim), primeiro de uma série de três núcleos destinados a abranger todo o universo da significação. A finalidade desse Núcleo é orientar, coordenar e assessorar, dentro das linhas de pesquisa que norteiam o Programa, todos os projetos que se enquadram no universo da visualidade. O principal sustentáculo do Núcleo foi um projeto temático, aprovado pela FINEP em 1988, denominado **Imagens Técnicas: do Mundo Mecânico-Industrial ao Mundo Eletrônico Pós-Industrial**, que consistia inclusive na produção de imagens sintetizadas em computadores. Durante o período em questão, o Núcleo tem se dedicado sobretudo ao estudo crítico das transformações que as novas tecnologias de produção de imagem estão introduzindo no campo da significação e nos processos mais gerais

de percepção e cognição do mundo.

Com a minha contratação na ECA/USP, a partir de 1991, pude me dedicar de forma mais concentrada aos problemas referentes às mídias eletrônicas, com ênfase especial à televisão e ao vídeo, alvos privilegiados de minhas pesquisas. Além da oportunidade de conhecer e lidar mais estreitamente com problemas específicos da produção televisual (nas disciplinas técnicas destinadas ao curso de graduação, de que estou participando), demos início ali a um grande projeto temático, apresentado à FAPESP para financiamento, denominado **A Imagem que se Transforma: um Estudo sobre Metamorfose**, que, tal como o projeto anteriormente referido, também implica a sintetização de imagens por computador.

A maior parte das minhas pesquisas no período 1986-1992 estiveram relacionadas à discussão das relações (de harmonia e de conflito) entre arte, ciência e tecnologia, com o enfoque voltado sobretudo a esta segunda metade do século, quando os recursos da eletrônica e da informática começam a desencadear profundas alterações nos modos de produzir significação. Como se verá a seguir, esse será o foco principal de minhas atividades intelectuais no último período e norteará boa parte das disciplinas oferecidas em cursos de pós-graduação, participações em congressos e publicações. Um apanhado mais ou menos completo dos resultados obtidos está registrado no volume **Máquina e Imaginário**, acima citado, de que trataremos em detalhe no tópico dedicado a publicações.

### **3. ATIVIDADES DOCENTES:**

Contratado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como Auxiliar de Ensino, em 01.08.80.

Promovido, por concurso, a Assistente-Mestre, na mesma Universidade, em 06.09.84.

Promovido, por concurso, a Assistente-Doutor, na mesma Universidade, em 09.05.88.

Promovido, por concurso, a Professor Associado, na mesma Universidade, em 07.11.91.

Contratado pela Universidade de São Paulo, como Assistente-Doutor, através de seleção pública, em 01.08.91.

Arrolo a seguir as disciplinas por mim ministradas em cursos de graduação e pós-graduação. Os programas e suas respectivas bibliografias estão inseridos na pasta de documentos depositada no Setor de Concursos.

#### **3.1. Disciplinas ministradas em cursos de graduação:**

Estética e Comunicação de Massa: de 1980 a 1986 - Curso de

Jornalismo da PUC/SP.

Análise dos Sistemas Áudio-Visuais: de 1981 a 1988 - Curso de Jornalismo da PUC/SP.

Códigos Áudio-Visuais: 1981 - Curso de Letras da PUC/SP.

Literatura Brasileira: 1981, 1984 - Curso de Letras da PUC/SP.

Vídeo: Linguagem, Estética e Perspectivas: 1983 - Curso de Jornalismo - PUC/SP

Alternativas para a Televisão: 1983 - Curso de Jornalismo da PUC/SP.

Vídeo e TV como Sistemas Significantes: 1984 - Curso de Jornalismo da PUC/SP.

Linguagem de TV: 1991 - Curso de Rádio e Televisão da ECA/USP.

Técnicas de Produção, Interpretação e Seleção de Imagens: 1991 - Curso de Rádio e Televisão da ECA/USP.

1992 - Curso de Rádio e Televisão da ECA/USP.

Noções de Estética: 1991, 1992 - Curso de Rádio e Televisão da ECA/USP.

História da Comunicação - Som e Imagem: 1992 - Curso de Rádio e Televisão da ECA/USP.

Projetos Experimentais: 1992 - Curso de Rádio e Televisão da ECA/USP.

### **3.2. Disciplinas ministradas em programas de pós-graduação:**

Teoria da Comunicação: de 1988 a 1991 - Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

Esta era uma das disciplinas básicas do Programa e que esteve ao meu cargo desde 1987, ocasião em que ela deixou de ser ministrada pelo Prof. Décio Pignatari. Consiste basicamente num estudo dos conceitos da teoria da informação e da comunicação aplicados à problemática da comunicação de massa. A disciplina foi oferecida nos seguintes semestres: 1º/88, 2º/88, 1º/89, 1º/90, 1º/91.

Arte e Tecnologia: 1989, 1991: Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

Disciplina oferecida nos semestres 2º/89 e 2º/91 com programas diferentes. Trata-se de discutir, ao longo da história da cultura, mas com especial ênfase ao nosso século, as relações nem sempre claramente perceptíveis entre os conceitos da formulação científica, as invenções da tecnologia e os produtos da criação artística. O curso compreende uma assimilação da discussão teórica sobre o assunto e um exame das experiências de intersecção arte/ciência/tecnologia mais importantes no Brasil e no mundo.

Análise Semiológica do Texto: 1989 - Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

Disciplina ministrada como professor convidado e com o seguinte sub-título: "A Narrativa no Cinema e na Televisão". O curso tratou dos problemas particulares do estudo de fenômenos narrativos nos meios áudio-visuais. Basicamente foram abordados: a gênese da linguagem clássica no cinema, os problemas da enunciação cinematográfica e as características específicas da narração televisual (serialização, segmentação, metalinguagem).

A Síntese Digital da Imagem: 1990 e 1992 - Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

Discussão dos principais procedimentos de modelação da imagem em computação gráfica, bem como do impacto nos sistemas de representação da introdução dos conceitos de simulação, hipermídia, realismo conceitual e sistemas dinâmicos.

Códigos Visuais: a Narrativa no Cinema e na Televisão: 1992 - Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

De certa forma, uma retomada do mesmo curso ministrado na UNICAMP ("Análise Semiológica do Texto"), com o acréscimo de considerações sobre as novas narrativas televisuais: o videoclipe e os novos formatos de documentário.

Imagens Técnicas: 1992 - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul.

Espécie de sùmula de todas as minhas pesquisas dos últimos anos, o curso abrange uma extensa gama de eventos, começando no século XV, com as primeiras experiências de uso de máquinas para a geração de imagens, até a revolução da modernidade, com o concurso da fotografia, do cinema e da televisão na construção da visualidade contemporânea.

#### **4. PARTICIPAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÕES EM DEBATES, CONGRESSOS E SEMINÁRIOS:**

4.1. Debatedor na mesa redonda sobre Cultura de Massa e Singularidade, com Felix Guattari, J.B.Natali, Modesto Carone, José Miguel Wisnick e Laymert Garcia dos Santos, no auditório da Folha de São Paulo, em 03.08.82.

Debate sobre as idéias de Felix Gattari a respeito dos meios de comunicação. Procurei enfatizar sobretudo o conceito de produção cultural alternativa e sua relação com a cultura dominante.

4.2. Palestra sobre O Fenômeno das Rádios Livres na Europa,

patrocinada pela Rede de Alternativas à Psiquiatria, no salão nobre da PUC/SP, em 13.06.83.

Minha primeira tentativa de abordar o fenômeno europeu das rádios e televisões livres, antes de suas primeiras manifestações no Brasil.

4.3. Debatedor na mesa redonda sobre A Escolha da Profissão: Letras, Comunicação Social e a Tecnologia, com Lúcia Santaella, no Auditório do Centro de Pesquisa e Tecnologia Objetivo, em 15.12.83.

Discussão sobre o mercado profissional para os alunos formados em letras e comunicações.

4.4. Debatedor na mesa redonda sobre A Relação com o Aparelho, durante a I Semana de Jornalismo da PUC, com Andrea Tonacci, Laymert Garcia dos Santos e Luís Renato Martins, no auditório do Tuquinha (PUC), em 14.04.84.

Tentativa de entender a mediação da câmera e dos meios enunciativos na produção cinematográfica. A discussão foi centrada em cima da obra cinematográfica e videográfica de Andrea Tonacci.

4.5. Participação no debate sobre Vídeo: uma Nova Arte, com Alfredo Nagib Filho, Fernando Meirelles, Ismail Xavier, Eduardo Abramovai e Lúcia Nagib. Publicado em **Leia Livros** número 67, ano VII, 15.04.84, pp. 14-15.

Abordagem do fenômeno do vídeo independente, que mal acabara de despontar no Brasil.

4.6. Palestra de apresentação do livro A Ilusão Especular, durante a III Semana Nacional de Fotografia, no salão nobre da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, no dia 22.08.84, promoção do Instituto Nacional de Fotografia.

Apresentação do livro acima citado para uma platéia de fotógrafos e especialistas em fotografia.

4.7. Palestra sobre O Cinema Soviético nos Anos 20, como parte do curso "Arte e Revolução no Século XX", promovido pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História, por ocasião da 36a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no prédio do Curso de História, na Universidade de São Paulo, em 09.07.84.

Tentativa de resgatar as principais contribuições do cinema soviético dos anos 20 para a construção da linguagem e da estética do cinema.

4.8. Palestra sobre O Cinema Soviético nos Anos 20, proferida no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, no dia 22.11.84, por iniciativa do Departamento de Fisiologia e

Biofísica.

Repetição da palestra acima.

4.9. Debatedor na mesa redonda sobre A Fotografia na Imprensa, durante a II Semana de Jornalismo da PUC, no salão nobre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 14.03.85.

Debate sobre as especificidades e problemas da prática da fotografia na imprensa.

4.10. Debatedor na mesa redonda sobre Fotografia e Pesquisa Antropológica, durante o XII Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, promovido pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 24.05.85.

Um dos primeiros encontros brasileiros sobre antropologia visual, onde se tentou encarar os problemas do uso de meios áudio-visuais como documentos ou instrumentos para a pesquisa científica.

4.11. Palestra sobre Uma Nova Poética, o Videoclipe?, como parte do curso **Vídeo: arte de massa?**, promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Funarte, no Espaço Alternativo Funarte, no Rio de Janeiro, em 16.08.85.

Tentativa de entender o videoclipe como um "gênero" particular no universo da televisão, com específicos problemas de linguagem e uma estética própria.

4.12. Palestra sobre Uma Poética, o Videoclipe?, por ocasião do II Congresso Brasileiro de Semiótica, realizado no Auditório de Convenções da Universidade de São Paulo, em 05.09.85.

Repetição da palestra acima.

4.13. Palestra sobre Uma Poética, o Videoclipe?, proferida no Auditório Brasília Itiberê de Curitiba e promovida pelo Museu da Imagem e do Som de Curitiba e Funarte, em 19.10.85.

Repetição da palestra acima.

4.14. Debatedor na mesa redonda sobre o acesso da produção independente de vídeo na televisão, na estréia do programa **Ondas Livres**, na TV Gazeta de São Paulo, em 06.01.86, com Walter Silveira, Nelson Pujol Yamamoto, Luís Algarra e Luís Fernando Santoro.

**Ondas Livres** foi o primeiro programa da TV brasileira a abrir espaço para os produtores independentes de vídeo. O debate em questão foi realizado na primeira emissão do programa e consistiu numa avaliação da produção independente de vídeo.

4.15. Debatedor na mesa redonda Entre a Onda e o Rochedo -

Estado e Comunicação, com Muniz Sodré, Gustavo Barbosa e Nilson Lage, por ocasião do ciclo **Ar Livre: a Democratização dos Meios de Comunicação**, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro em 28.05.86.

Debate sobre a legislação brasileira das telecomunicações à luz do fenômeno das rádios e televisões livres.

4.16. Debatedor na mesa redonda sobre Política de Comunicações e Concessões de Canais, com Oscar Luís Piconez, Fernando Moraes, Hérodoto Barbeiro e Mário César Carvalho, no auditório do Centro de Lazer SESC-Fábrica da Pompéia, em 07.05.87.

Debate sobre a política de concessões de canais praticada no Brasil no período anterior à última Assembléia Constituinte.

4.17. Palestra sobre Imagem e História, proferida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em História, em 27.08.87.

Discussão sobre o uso de documentos áudio-visuais na pesquisa histórica.

4.18. Palestra sobre Zappers: Rebelião dos Telespectadores, por ocasião da **Oficina para Zappers**, evento ocorrido nas Oficinas Culturais Três Rios de São Paulo, em 31.09.88.

A influência do controle remoto e do hábito de mudar de canal sobre a própria concepção dos programas televisuais.

4.19. Palestra sobre o título Máquina e Imaginário, proferida por ocasião da sessão **Cultura: Produção e Representação Simbólica da Sociedade**, parte da programação do **Seminário Brasil Século XXI**, no Centro de Convenções da Universidade Estadual de Campinas, em 11.11.88.

Da Grécia antiga à (pós) modernidade, passando pela cosmologia medieval, pelo Renascimento italiano, pelo Romantismo alemão e por toda a aventura da arte moderna, as relações entre arte, ciência e tecnologia estão marcadas ora uma indissociável harmonia, ora por um divórcio sem perspectivas de reconciliação. A palestra procura traçar um mapa dessas complexas relações ao longo do tempo.

4.20. Palestra sobre O Impacto da Imagem Eletrônica, proferida por ocasião da VII Semana Nacional da Fotografia, sob o patrocínio do Instituto Nacional da Fotografia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 22.11.88.

Nenhuma tecnologia foi mais penetrante nesta segunda metade do século, em termos de conseqüências para o universo da significação, do que a eletrônica, que acabou por interferir em boa parte dos recursos expressivos da fotografia, do cinema, das artes plásticas, da música e até mesmo da literatura (processamento de

texto, editoração eletrônica, hipertexto etc). A palestra procurou comentar as principais conseqüências dessa penetração inexorável da eletrônica nos domínios dos processos significantes.

4.21. Palestra sobre Arte e Tecnologia, proferida por ocasião do I Encontro de Arte e Tecnologia da Universidade de Brasília, sob a direção do Núcleo de Imagem daquela Universidade, em 14.04.89.

Como fica o estatuto da criação quando a tarefa de produzir arte passa a ser cada vez mais mediada por máquinas enunciadoras? Nesta palestra, procuramos discutir as dificuldades de se avaliar problemas de autoria nos atuais produtos artísticos, devido, de um lado, à crescente coletivação da criação e, de outro, à inevitável divisão do trabalho em regimes de produção industrial. Abordamos também o trabalho de alguns criadores singulares, capazes de acumular as tarefas do artista, do cientista e do técnico.

4.22. Relator da mesa redonda sobre A Formação e a Regulamentação para Novas Funções, com Sônia Bongiovani, Antônio Carlos Rebesco, José Dias, Roberto Talma, Solange M. da Cruz, por ocasião do 4o. Simpósio de Rádio e TV, no Anfiteatro de Convenções da USP, em 20.04.89.

Simples trabalho de relator, num evento que teve como principal escopo discutir o mercado de trabalho para os alunos formados em Rádio e Televisão.

4.23. Palestra sobre Cinema, Política e Antropologia, proferida por ocasião do I Encontro de Antropologia Visual da Bahia, sobre o patrocínio do Centro de Referência Negromestiça, no Auditório CEDEP de Salvador, em 02.07.89.

Na região Norte do país, a grande maioria das tribos indígenas já incorporam tecnologia de vídeo em seus rituais, além de circuitos fechados de televisão, antena parabólica e sistemas de transmissão radiofônica. A palestra tenta colocar em discussão os limites das formas clássicas de antropologia para se dar conta de realidades novas a nível de formações sociais. A abordagem se concentra sobretudo no trabalho cinematográfico de Andrea Tonacci com os índios brasileiros.

4.24. Palestra sobre Poesia e Tecnologia, por ocasião da I Semana de Estudos Avançados em Poética, promovido pelo Círculo de Investigação Poética, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 27.10.89.

Tentativa de problematizar a aplicação de métodos estatísticos e permutacionais em literatura. Foram examinados: o projeto do **Livre** de Mallarmé, as técnicas matemáticas do grupo francês Oulipo, as obras combinatórias de Raymond Quenau e Max Saporta e a atual

tecnologia do hipertexto.

4.25. Debatedor na mesa redonda sobre A Imagem Eletrônica, durante o I Seminário Nacional de Tecnologia para as Artes, com Sérgio Tastaldi, Gerson Tatini, Analívia Cordeiro e Artur Matuck, no Auditório do Instituto de Artes da UNICAMP, em 07.11.89.

No que consiste exatamente a novidade da imagem eletrônica? Em primeiro lugar, numa recusa cada vez mais acentuada de cumprir o destino mimético ou indicial a que a imagem parece condenada desde Platão e, ao mesmo tempo, na recuperação de toda uma dimensão "escritural" ou simbólica que antes parecia exclusiva das formas verbais.

4.26. Palestra sobre La Experiencia del Video en Brasil, por ocasião da Getxoko III. Nazioarteko Bideo Erakusketa, no Salón de Actos del Conservatorio Municipal, em Bilbao, Espanha, a 04.04.90.

Uma reflexão sobre o vídeo no Brasil e suas relações com a televisão e com as outras formas de cultura. A palestra abriu uma mostra de vídeo brasileiro em Bilbao (capital do País Basco).

4.27. Palestra sobre Imagem Eletrônica e (Pós)modernidade, como atividade de apoio ao projeto Núcleos Oswaldianos, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, em São Paulo, a 15.05.90.

A imagem eletrônica e suas formas segmentadas ou em metamorfose, à luz dos conceitos de pós-modernidade de Virilio e Lyotard.

4.28. Conferência sobre El Lenguaje Alternativo en la Comunicación Audiovisual, por ocasião do Encuentro Latinoamericano de Vídeo Montevideo'90, no Hotel Carrasco, em Montevideo, Uruguai, a 09.08.90.

O vídeo como forma expressiva: apresentação de seus principais traços distintivos para uma platéia constituída basicamente de realizadores latino-americanos.

4.29. Palestra sobre A Simulação da Imagem, por ocasião do III Congresso Brasileiro Internacional de Semiótica, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a 29.08.90.

Na área da computação gráfica, a simulação surge como uma técnica representativa poderosa e praticamente inédita. Trata-se de colocar em ação um modelo matemático capaz de se comportar, sob alguns aspectos, como se fosse o próprio sistema representado.

4.30. Palestra sobre A Cultura da Vigilância, como parte do ciclo **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**, no Centro Cultural São Paulo, em São Paulo, a 30.09.90.

Espectáculo e vigilância, nas sociedades contemporâneas,

constituem duas faces da mesma moeda. Neles, tecnologias e modos de funcionamento praticamente se equivalem. A palestra se concentra sobretudo no exame da obra do artista tcheco Michel Klier, que tematiza a generalização em nossas sociedades dos dispositivos eletrônicos de vigilância.

4.31. Debatedor em mesa redonda sobre Tecnologia e Videoarte, com Yoichiro Kawaguchi, Hervé Fischer, Jill Scott e Ricardo Nauemberg, durante o 8th. Fotoptica International Video Festival, em São Paulo, a 12.11.90.

A computação gráfica luta para firmar-se no panorama da cultura contemporânea como uma forma legítima de arte. A intervenção visa mostrar os progressos nesse sentido e também os seus limites. A obra do artista japonês Yoichiro Kawaguchi é examinada.

4.32. Debatedor em mesa redonda sobre o documentário em vídeo e televisão -- evento denominado **Quase Nada é Verdade** -- na Sala Magnetoscópio, no Rio de Janeiro, a 08.12.90.

Como ficam as técnicas documentais no terreno do vídeo, da televisão e dos demais meios eletrônicos? A intervenção visa discutir as metamorfoses no conceito de **documentário**, sobretudo levando-se em consideração o exemplo brasileiro.

4.33. Debatedor na mesa redonda sobre Imagem Real/Imagem Virtual, com José Ramon da Cruz, Pierre Bongiovanni, Teresa Picazo, Lola Bonora, Fernando Mendo Calvo e Kazuo Sasaki, durante a Feria Internacional de Arte Contemporaneo (ARCO), em Madrid, Espanha, a 08.02.91.

As imagens sintetizadas em computadores são chamadas **virtuais** porque existem essencialmente sob forma matemática e podem, por essa razão, se transformar infinitamente, bastando para isso que lhes sejam alterados os parâmetros. O encontro visou discutir o estatuto do **real** num momento em que as imagens pós-fotográficas parecem poder prescindir inteiramente dele para constituir-se.

4.34. Conferência sobre El Video, Television y Panorama Audiovisual de Brasil na Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Complutense de Madrid, Espanha, a 12.02.91.

Tentativa de apresentar um panorama da situação da cultura áudio-visual no Brasil de hoje. Foram abordados o cinema, o vídeo a televisão e suas relações com a crise econômica e política do país.

4.35. Intervenção sob o título Pensar a Arte no Tempo das Máquinas na mesa redonda **Questões de uma Nova Estética**, durante o II Congresso Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes, na Universidade de Brasília, a 22.04.91.

Discussão das questões filosóficas implicadas na produção de arte através de mediação tecnológica. A partir das idéias de Simondon e Couchot, procurou-se vislumbrar alternativas não necessariamente apocalípticas ao trabalho de colaboração entre o homem e a máquina.

4.36. Palestra sobre o vídeo O Ar Pertence a Deus de Marcelo Mazagão, promovido pelo Núcleo Atlantic de Vídeo, na Videoteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a 25.06.91.

Análise de um vídeo recente, que possibilita discutir, por sua vez, a atual situação institucional das telecomunicações no Brasil.

4.37. Palestra sobre Profissional de Televisão e Profissional de Vídeo: Emissora X Produtora, dentro das atividades do Curso de Assessoria de Comunicação aos Movimentos Populares, ocorrido durante o II Congresso Brasileiro de Ensino de Comunicação, na ECA/USP, a 03.07.91.

A imagem eletrônica abala as antigas distinções de formato e meio de expressão, à medida em que passa a contaminar toda a produção áudio-visual contemporânea. Cinema, fotografia, artes plásticas, literatura -- tudo hoje reclama procedimentos eletrônicos, abrindo possibilidades inéditas aos profissionais com formação nessa especialidade.

4.38. Palestra sobre Arte e Tecnologia, promovida como parte das atividades do Projeto de Formação de Monitores para a 21a. Bienal de São Paulo, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, em São Paulo, a 04.07.91.

Palestra de introdução ao tema da fusão arte/tecnologia, destinada a estudantes de arte e monitores da Bienal. A ênfase ficou para o exame concreto de alguns trabalhos que resolvem de forma satisfatória essa fusão, como os de Kawaguchi, Rybczynski e Bill Viola.

4.39. Debatedor na mesa redonda Dez Anos de Vídeo Independente, com Walter Silveira e Marcelo Machado, promovida pela Fundação Cultural de Curitiba, no Centro Cultural do Portão, em Curitiba, a 16.08.91.

O objetivo da mesa redonda foi proceder um balanço de dez anos de história do vídeo independente no Brasil, como forma de introduzir uma mostra retrospectiva de vídeo.

4.40. Palestra sobre A representação do tempo na imagem, por ocasião do encontro "O Conceito de Tempo na Imagem Eletrônica", programado pelo Instituto de Estudos Avançados da USP, a 14.10.91.

Se de fato, como queria Einstein, o tempo tem uma expressão material e, como queria Bakhtin, ele pode também ser modelado

artisticamente, como se pode representar o tempo na imagem? Várias alternativas são abordadas, a partir do modelo dado pelo fisiologista francês E.J. Marey, entre elas as experimentadas por Duchamp, Boccioni, Hockney, McLaren e Rybczynski.

4.41. Debatedor no seminário **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor**, na Escola de Comunicações e Artes da USP, de 21 a 23.10.91.

Discussão do papel do receptor nos processos enunciadores dos meios de comunicação de massa.

4.42. Conferência sobre A Arte do Vídeo, por ocasião da abertura do 6º Encontro de Vídeo na Educação, no Anfiteatro de Convenções e Congressos da USP, a 30.10.91.

Análise dos principais pontos definidores de uma linguagem do vídeo e suas repercussões na arte e na educação.

4.43. Debatedor na mesa redonda sobre O Tempo e a Televisão, juntamente com Arnaldo Jabor, Eugênio Bucci e Pierre Bongiovanni, como parte dos eventos do Festival do Minuto, no Elétrico Cineclub de São Paulo, a 26.11.91.

Reflexão sobre as implicações do tempo presente e sincrônico (o "tempo real") nas emissões televisuais.

4.44. Debatedor na mesa redonda sobre Tecnologias: a Movimentação das Linguagens, com Ormeo Botelho e Sérgio Martinelli, por ocasião do Festival de Vídeo de Belo Horizonte, a 30.11.91.

Como fica a produção de cultura a partir do surgimento das tecnologias eletrônicas e digitais? Qual o estatuto do criador numa época em que os processos criativos são largamente mediados por máquinas e dispositivos técnicos? Questões que se procurou responder durante o debate.

4.45. Ciclo de conferências sobre o tema La Imagen Electrónica, na Escuela de Comunicación Pública de la Universidad de Puerto Rico, em San Juan. Dia 02.03.92: "La Imagen Electrónica: Poética de la Metamorfosis"; dia 03.03.92: "Narrativa Televisiva: la Rebelión del Espectador"; dia 04.03.92: "El Imaginario Matemático: Compugráfica y Simulación"; dia 05.03.92: "Video Brasileño: una Nueva Antropología".

Tentativa de resumir os principais pontos de articulação de minhas pesquisas nos últimos anos. Um balanço geral de mais de dez anos de reflexão sobre a imagem eletrônica.

4.46. Participação na mesa redonda O Diálogo Cinema e Vídeo, durante o evento **Cinevídeo - O Diálogo Cinema e Vídeo**, com Arthur Omar, Nelson Brissac Peixoto e Amir Labaki, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, a 19.06.92.

O cinema está sofrendo transformações profundas na sua maneira de contar histórias, nos seus processos de financiamento, no suporte de seus processos tecnológicos e até mesmo nos seus pressupostos gnosiológicos sobre o real. O debate tenta definir o que seria esta nova fase em que a eletrônica irrompe com toda força no cinema.

4.47. Palestra sobre A Linguagem do Vídeo, como parte do ciclo **A Trajetória do Vídeo no Brasil**, no Instituto Cultural Itaú, 13.08.92.

O vídeo como forma expressiva: apresentação de seus principais traços distintivos.

4.48. Debatedor na mesa redonda sobre Arte e Ciência: Produção e Difusão, por ocasião do **9º Festival Internacional Videobrasil**, com Timothy Binkley, Pierre Bongiovanni, Jean Marie Duhard, Pierre Hénon e Ives Louchez, no SESC-Pompéia, São Paulo, 24.09.92.

Os limites entre arte e ciência se tornam, tal como no Renascimento, cada vez mais estreitos. Muitos eventos culturais, exposições e mostras que ocorrem por todo o mundo trabalham cada vez mais sobre essa indiferenciação, misturando objetos provenientes da criação artística, da descoberta científica e da invenção tecnológica. O debate tentou equacionar essa tendência.

4.49. Palestra sobre A Linguagem do Vídeo, durante o curso de extensão universitária **A Televisão e o Vídeo na Escola**, no Departamento de Cinema, Rádio e TV da ECA/USP, a 04.11.92.

Análise dos principais pontos definidores de uma linguagem do vídeo e suas repercussões na arte e na educação.

4.50. Coordenador da mesa Videodocumentário e Linguagem, por ocasião da **Mostra Atlantic de Vídeo Documentário**, com Eduardo Coutinho e Marcelo Tas, no Tuca (Teatro da Universidade Católica), em São Paulo, a 10.11.92.

Como fica o estatuto do documentário numa época em que os conceitos de real e de realidade são cada vez mais substituídos pelos conceitos de simulacro e de hiper-real? Os destinos do documentário à luz dos últimos trabalhos de Eduardo Coutinho.

4.51. Intervenção sobre Formas Expressivas da Contemporaneidade no debate **Multimídia e Linguagens na Contemporaneidade**, com Marcius Freire, Rogério Luz e Ismail Xavier, por ocasião do I Encontro Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, na UFRJ, Rio de Janeiro, a 20.11.92.

Tentativa de delinear as principais formas expressivas que marcam a produção cultural da contemporaneidade e que, ao nosso ver são: multiplicidade, metamorfose e interatividade.

4.52. Debatedor na mesa redonda sobre A Revolução Digital no Cinema e na Televisão, por ocasião do 3º **Encontro Latinoamericano de Escolas de Cinema e Televisão**, na ECA/USP, São Paulo, a 24.11.92.

Algumas impressões sobre a inserção cada vez maior de imagens sintéticas na produção cinematográfica e televisual.

## 5. ENTREVISTAS:

5.1. Entrevista ao jornal **O Povo** de Fortaleza (publicada na edição de 24.08.84, p. 22) sobre o livro **A Ilusão Especular**.

5.2. Entrevista ao programa **Panorama**, da TV Cultura de São Paulo, sobre o livro **Rádios Livres - a Reforma Agrária no Ar**, em 14.06.86.

5.3. Entrevista ao programa **Leitura Livre**, da TV Cultura de São Paulo, sobre o livro **Rádios Livres - a Reforma Agrária no Ar**, em 04.02.86.

5.4. Entrevista ao programa **Balancê**, da Rádio Globo de São Paulo, sobre o livro **Rádios Livres - a Reforma Agrária no Ar**, em 14.02.86.

5.5. Entrevista ao programa **De Letras**, da Rádio Cultura FM de São Paulo, sobre o livro **Rádios Livres - a Reforma Agrária no Ar**, em 08.03.86.

5.6. Entrevista ao programa **Paulista 900**, da TV Gazeta de São Paulo, sobre o livro **A Arte do Vídeo**, em 03.10.88.

5.7. Entrevista ao programa **Mulheres em Desfile**, da TV Gazeta de São Paulo, sobre o livro **A Arte do Vídeo**, em 14.10.88.

5.8. Entrevista ao jornal **A Tarde**, de Salvador (publicada na edição de 05.09.89), sobre temas gerais da cultura contemporânea.

5.9. Entrevista ao programa **Getxoko III. Nazioarteko Bideo Erakusketa**, da E.I.T.B. (Radio e Televisão Basca, Bilbao, Espanha), sobre o vídeo e a televisão brasileira, em 04.04.90.

5.10. Entrevista ao programa **Cultura na USP**, da Rádio da Universidade de São Paulo, sobre temas gerais da cultura contemporânea, em 25.01.91.

5.11. Entrevista ao **Jornal de Brasília** (publicada na edição de 24.04.91, Caderno 2, p.3), sobre temas gerais da cultura contemporânea.

## 6. PUBLICAÇÕES:

### 6.1. Livros:

6.1.1. **Eisenstein - Geometria do Êxtase**, São Paulo, Brasiliense, 1983, 1a. e 2a. edições.

Tentativa de abordar a obra teórica, cinematográfica, teatral e pictográfica do cineasta russo Serguei E. Eisenstein. São os

seguintes os capítulos do livro:

A) Ascensão e queda de um bolchevique: principais aspectos da vida de Eisenstein e sua relação com a história da Rússia soviética.

B) Entre a razão e a paixão: Formação prática e teórica do jovem Eisenstein; a produção teatral e relação com o Proletkult.

C) A dialética no cinema: as idéias de Eisenstein sobre montagem e encenação cinematográfica conforme exercitadas em seus filmes do período mudo.

D) O visível e o invisível: conseqüências, a nível de filosofia e semiótica, das idéias de Eisenstein. As experiências de **Outubro** e **O Velho e o Novo**.

E) Totens animados: A prática antropológica de Eisenstein: a experiência de **Que Viva México!**

F) Erotismo e prática do êxtase: O Eisenstein da maturidade: **Ivan, o terrível**, a produção teórica e pictórica.

6.1.2. **A Ilusão Especular - uma Introdução à Fotografia**, São Paulo, Brasiliense, 1984.

A fotografia é o código de base de todo sistema enunciador fundado sobre a imagem técnica. Este estudo procura resgatar as sobrevivências "arcáicas" de seu processo codificador, com ênfase no papel hegemônico jogado pela perspectiva renascentista. Trata-se da dissertação de mestrado modificada para fins de publicação. O livro compreende os seguintes capítulos:

A) Recolocações: revisão dos conceitos de signo, ideologia e imagem figurativa.

B) Mística da homologia automática: como a fotografia é vista segundo o senso comum; o mito do "realismo" fotográfico.

C) Tempos congelados pelo obturador: o papel codificador do obturador da câmera.

D) Arquétipos pictóricos na fotografia: sobrevivências na fotografia de convenções dos códigos pictóricos, sobretudo da pose.

E) A perspectiva ou o olho do sujeito: A perspectiva como código de base da fotografia.

F) Recorte do quadro e alusão ao extra-quadro: o papel codificador do enquadramento.

G) Sutura e transferência do sujeito: quem vê a foto: o espectador ou o "sujeito" que a contemplou através do olho da câmera?

H) Poder e arbítrio do olho do sujeito: o papel codificador do ponto de vista da câmera.

I) Fissuras na profundidade de campo: O papel codificador do foco e da iluminação.

J) Lentes bizarras, histeria, alucinações: O papel codificador das distorções de campo geradas pelas lentes.

K) Aura e materialidade: discussão dos conceitos de reprodutibi-

lidade e aura, segundo a acepção benjaminiana.

6.1.3. **Brasil - Os Anos do Autoritarismo: Televisão e Vídeo** (em parceria com Fernando Barbosa Lima e Gabriel Prioli), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985 (1a. ed.), 1989 (2a. ed.).

Minha participação se restringe à redação da terceira parte do livro, que aparece sob o título **Notas sobre uma televisão secreta** e que enfoca a história do vídeo no Brasil até 1984.

6.1.4. **Rádios Livres - a Reforma Agrária no Ar** (em parceria com Caio Magri e Marcelo Masagão), São Paulo, Brasiliense, 1986 (1a. ed.), 1987 (2a. ed.).

Livro escrito rapidamente, "no calor das horas", em pleno florescer das rádios e televisões livres ou "piratas" no Brasil. Trata-se de uma coleção de documentos e textos de análise destinados a aprofundar a compreensão do fenômeno.

6.1.5. **A Arte do Vídeo**, São Paulo, Brasiliense, 1988 (1a. ed.) 1990 (2a. ed.).

Tese de doutoramento revista e modificada para fins de publicação. Trata-se de uma abordagem panorâmica do universo da imagem eletrônica, desde sua base tecnológica, passando por seus elementos de linguagem, sua imensa variedade de formatos, procedimentos e sistemas de distribuição, até as invenções da vídeo-arte e as possibilidades abertas pelos recursos digitais. O livro compreende os seguintes capítulos:

A) Uma introdução à videoesfera: apresentação do gigantesco leque de abrangência do fenômeno da imagem eletrônica.

B) O retalhamento da figura: Exame da especificidade da imagem eletrônica.

C) Definição e pregnância da imagem: Como se mede a quantidade de informação numa imagem eletrônica.

D) O eterno presente: características da imagem eletrônica quando se trabalha em "tempo real".

E) Processos abertos em andamento: vídeo e TV entendidos mais como processos do que como produtos.

F) Acaso e controle na edição: especificidades da edição televisual.

G) Rumo à imagem sintética: um retrospecto da vídeo-arte e sua influência sobre a televisão.

H) A imagem digital: uma introdução à computação gráfica.

I) The bit generation: como a informática está transformando a televisão.

J) O cinema eletrônico: a síntese do cinema com o vídeo.

6.1.6. **Máquina e Imaginário: o Desafio das Poéticas Tecnológicas**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, no prelo

(lançamento previsto para janeiro/91).

Resultado de cerca de três anos de investigação das relações entre arte, ciência e tecnologia. O livro apresenta os seguintes capítulos, alguns publicados em periódicos ou apresentados em congressos, outros inéditos:

A) Introdução: bases conceituais e filosóficas da discussão que se está a propor;

B) Máquina e imaginário: retrospecto histórico, apresentação do problema e levantamento das experiências mais importantes;

C) Hegemonia da imagem eletrônica: generalização da imagem eletrônica para todas as formas de cultura e principais problemas de linguagem que ora se apresentam na área do vídeo;

D) A simulação da imagem: levantamento dos principais algoritmos utilizados hoje em computação gráfica e seus significados em termos estéticos e semióticos;

E) O imaginário numérico: o realismo conceitual introduzido pela computação gráfica introduz uma série de modificações importantes no panorama da visualidade deste final de século;

F) O efeito zapping: novas técnicas narrativas ou proto-narrativas, caracterizadas por uma radical fragmentação e por uma reciclagem do acervo áudio-visual acumulado, despontam como consequência do efeito "zapping" (mudança constante de canais na televisão);

G) O sonho de Mallarmé: uma discussão do fim do livro e da sua transformação em escritura tridimensional, permutativa e interativa, tal como profetizada por Mallarmé em seu projeto do **Livre**.

H) A síndrome da colorização: a discussão das diversas ocorrências contemporânea de plágio, falsificação, pastiche e adulteração de originais mostra que a tendência, longe de caracterizar um procedimento "pós-moderno", na verdade dá continuidade a uma dinâmica da cultura que existiu em todos os tempos;

I) Máquinas de vigiar: análise do processo de militarização dos instrumentos áudio-visuais de enunciação e da proliferação do dispositivo panóptico (Bentham) na vida cotidiana;

J) Máquinas de aprisionar o carom: a representação do índio pelo branco e a do branco pelo índio, através de modernas tecnologias de enunciação (cinema, vídeo, fotografia, gravação sonora).

K) A experiência do vídeo no Brasil: reflexão sobre o significado da experiência brasileira do vídeo independente, sua contribuição e a imagem do Brasil por ele construída;

L) Um cineasta da Alemanha: análise da obra do cineasta alemão H.J.Syberberg e sua contribuição para a reflexão sobre a arte contemporânea.

6.1.7. **Ensaio sobre a Contemporaneidade**, São Paulo, Books on Disk, 1993.

Experiência de edição de livro em disquete ao invés de volume

impresso. Compreende os seguintes ensaios:

A) Fim do livro?: estudo sobre os destinos do livro na era da informática.

B) Formas expressivas da contemporaneidade: as três principais formas expressivas da contemporaneidade: multiplicidade, metamorfose e interatividade.

C) O vídeo e sua linguagem: é possível falar numa "linguagem" do vídeo? Quais seriam suas marcas distintivas?

D) O diálogo entre cinema e vídeo: discussão da atual síntese entre cinema e vídeo e dos principais artifícios dessa síntese.

E) Anamorfoses cronotópicas ou a quarta dimensão da imagem: problemas da anotação do tempo na imagem técnica.

F) O telejornal em tempo de guerra: discussão do papel do telejornal na sociedade, a partir do exemplo da abordagem da CNN da Guerra do Golfo.

## 6.2. Trabalhos publicados em periódicos:

6.2.1. "Estética e metalinguagem" (I). **Minas Gerais (Suplemento Literário)**, Belo Horizonte, 399, 20.04.74, pp. 3-5.

Panorama sobre o exercício da metalinguagem na poesia, no cinema, na música e nas artes plásticas.

6.2.2. "Estética e metalinguagem" (II). **Minas Gerais (Suplemento Literário)**, Belo Horizonte, 400, 27.04.74, pp. 4-5.

Idem acima.

6.2.3. "O corpo bem temperado". **Vozes, Revista de Cultura**, Petrópolis, vol.69, 4, maio/75, pp. 53-68.

Em certas práticas musicais como o jazz ou o blues há um resíduo não formalizado que torna praticamente impossível a verbalização de suas estruturas.

6.2.4. "O cinema conceitual" (I). **Cine Olho**, São Paulo, 4, abril/79, pp. 10-16.

A idéia do cineasta Serguei Eisenstein sobre a possibilidade de um cinema conceitual ou intelectual é aqui revista.

6.2.5. "O cinema conceitual" (II). **Cine Olho**, São Paulo, 5/6, jun-ago/79, pp. 14-21.

Idem acima.

6.2.6. "Ideologia do cinema militante". **Cine Olho**, São Paulo, 8/9, out-dez/79, pp. 4-7.

O cinema militante parte de certos pressupostos ideológicos e gnosiológicos que são aqui examinados.

6.2.7. "Acompanha: complemento nacional". **Polímica**, São Paulo, 1, nov/79, pp. 33-38.

Tentativa de abordagem do cinejornal brasileiro de um ponto de vista histórico e semiótico.

6.2.8. "Potemkin revisitado". **Trabalho**, ano III, 71, 29.07.80, p. 12.

Significado de **O Encouraçado Potemkin** de Eisenstein, no momento em que ele foi liberado pela censura brasileira, quase vinte anos depois de sua proibição.

6.2.9. "Eisenstein: um dialogismo radical". **Polímica**, São Paulo, 3, 1981, pp. 23-44.

Comparação entre as idéias de Serguei Eisenstein e Mikhail Bakhtin; o conceito de "dialogia" aplicado às artes visuais.

6.2.10. "Eisenstein: a radical dialogism". **Dispositio**, Univ. of Michigan, vol.6, 17/18, summer-fall/81, pp. 119-130.

Idem acima, em tradução para o inglês.

6.2.11. "Eisenstein e o Oriente". **DeSignos**, São Paulo, 6, 1981, pp. 67-88.

Eisenstein sempre foi fascinado pela cultura do oriente, mas esse fascínio tinha um sentido muito preciso em sua obra. O texto tenta entender como Eisenstein via o oriente.

6.2.12. "Vídeo-Brasil: uma outra televisão". **Leia Livros**, São Paulo, ano VI, 61, set-out/83, p. 4.

Resenha crítica do primeiro festival de vídeo Videobrasil.

6.2.13. "Ficção e máquina". **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, vol. 2, 3, nov/83, p. 41.

Como a máquina fotográfica, pela sua pura e simples presença, modifica a realidade que se quer registrar.

6.2.14. "Uma televisão para mil vozes". **Presença**, São Paulo, 2, fev/84, pp. 99-104.

Ensaio sobre a legislação brasileira das telecomunicações e propostas para a sua alteração.

6.2.15. "Syberberg, um cineasta da Alemanha", **Folha de São Paulo**, 27.05.84, Folhetim, 384, pp. 6-9.

Exame da obra do cineasta alemão Hans-Jürgen Syberberg.

6.2.16. "As máquinas de aprisionar o karom". **Fotoptica**, São Paulo, 117, abr-mai/84, pp.50-53.

Exame da obra videográfica e cinematográfica de Andrea Tonacci.

6.2.17. "Perspectivas da video-arte no Brasil". **Guia de vídeo no Brasil**, São Paulo, Olhar Eletrônico, 1984, pp. 34-42.

Esboço de história da vídeo-arte e do vídeo independente no Brasil.

6.2.18. "A televisão do terceiro milênio". **Primeiro Toque**, São Paulo, 12, jan-mar/84, p. 7.

Perspectivas sobre o futuro da televisão no Brasil e no mundo.

6.2.19. "O vídeo na fronteira da nova televisão". **Fotoptica**, São Paulo, 119, ago-set/84, pp. 50-51.

Análise da produção videográfica brasileira, tomando como base os vídeos concorrentes ao II Festival de Vídeo Videobrasil.

6.2.20. "A fotografia como fato cultural". **Fotoptica**, São Paulo, 118, jun-jul/84, pp. 20-21.

Comentários e apresentação do livro **A Ilusão Especular**.

6.2.21. "Quinze anos de Cid Moreira". **Folha de São Paulo**, 09.09.84, Folhetim, 399, pp. 6-7.

O significado do **Jornal Nacional** depois de quinze anos de hegemonia na televisão brasileira.

6.2.22. "Il carnevale come inversione della norma". **Venezia/Rio**, catálogo de fotos de Lamberto Scipioni, São Paulo, Banca Commerciale Italiana, 1985.

Apresentação do trabalho fotográfico de Lamberto Scipioni.

6.2.23. "Artes e tecnologias" (em parceria com Júlio Plaza), catálogo da exposição **Arte e tecnologia**, São Paulo, Museu de Arte Contemporânea, 1985.

Apresentação da exposição acima, de que fui também curador.

6.2.24. "Rumo à imagem sintética". **Folha de São Paulo**, 12/10/86, Folhetim, 505, pp. 2-3.

O impacto da vídeo-arte na produção cultural desta segunda metade do século.

6.2.25. "Fractals: uma geometria da desordem". **Fractals - a realidade do inimaginável**, catálogo da exposição de J.W.Guimarães, A.M.Descombes e R.W.Guimarães, São Paulo, Museu da Imagem e do Som, 1987.

Apresentação da exposição acima referida.

6.2.26. "Atravessando Camões, com pesquisa e bom humor". **Lusíadas or not Lusíadas?**, programa de montagem teatral, São Paulo,

TUCA, 1987.

Apresentação da peça acima referida.

6.2.27. "Uma poética, o videoclipe?". **Semiótica da comunicação e outras ciências** (org. Ana Cláudia de Oliveira e Lúcia Santaella), São Paulo, EDUC, 1987, pp. 33-41.

Publicação do texto da palestra apresentada no II Congresso Brasileiro de Semiótica. Vide 4.12.

6.2.28. "A imagem eletrônica". **Cadernos de vídeo**, 3, São Paulo, TVB Pesquisa, 1988.

Comentários sobre problemas de linguagem no universo do vídeo e da televisão.

6.2.29. "A imagem digital. Notas para uma abordagem semiótica". **Face**, São Paulo, vol.1, n. 1, jan-jun/88, EDUC, pp. 53-69.

Implicações da computação gráfica na área da semiótica. Entre outras coisas, ela opera com um conceito de imagem que se aproxima mais do modelo matemático.

6.2.30. "O efeito zapping". **Folha de São Paulo**, 07.01.89, Folhetim, 625, pp. G-2/G-9.

Novas técnicas narrativas ou proto-narrativas, caracterizadas por uma radical fragmentação e por uma reciclagem do acervo áudio-visual acumulado, despontam como consequência do efeito "zapping" (mudança constante de canais na televisão).

6.2.31. "A imagem eletrônica: problemas de representação". **Face**, São Paulo, vol. 2, 1, jan-jun/89, EDUC, pp. 69-81.

A generalização da imagem eletrônica para todas as formas de cultura e principais problemas de linguagem que ora se apresentam no universo do vídeo.

6.2.32. "La experiencia del video en Brasil". **Getxoko III. Nazioarteko Bideo Erakusketa**, catálogo, Gexto, Taller de Imagen, 1990, pp. 6-11.

Uma reflexão sobre o vídeo no Brasil e suas relações com a televisão e com a cultura áudio-visual como um todo.

6.2.33. "As formas migrantes de Diana Domingues". **Connexio**, catálogo da exposição de Diana Domingues, São Paulo, Museu de Arte Contemporânea, 1990.

Apresentação da exposição **Connexio** da artista Diana Domingues.

6.2.34. "Máquinas de vigiar". **Revista da USP**, São Paulo, 7, set/nov. 1990, pp. 23-32.

Análise do processo de militarização dos instrumentos áudio-

visuais de enunciação e da proliferação do dispositivo panóptico (Bentham) na vida cotidiana.

6.2.35. "Adopt a satellite", présentation de l'installation de Marcelo Masagão pour le catalogue de la **5ème. Manifestation Internationale de Vidéo et de Télévision de Montbéliard**, Montbéliard, 1990.

Apresentação da exposição **Adopt a satellite** do artista Marcelo Masagão.

6.2.36. "A arte dos simulacros". **8th. Fotoptica International Video Festival**, catálogo, São Paulo, 1990, pp. 74-75.

Uma discussão da possibilidade de se produzir arte a partir de modelos científicos de modelização e simulação.

6.2.37. "Inside out and upside down: Brazilian video groups". **The Independent**, New York, vol. 14, 1, jan-feb/1991, pp. 30-33.

Estudo da contribuição dos dois mais importantes grupos de vídeo independente no Brasil: Olhar Eletrônico e TVDO.

6.2.38. "Video y lenguaje". **Televisiones - Boletín de la Sociedad Argentina de Videastas**, Buenos Aires, ano 1, 3, diciembre 1990, pp. 4-6.

Publicação do texto da palestra apresentada no Encontro Latinoamericano de Vídeo Montevideo'90, em Montevideo. Vide item 4.28.

6.2.39. "A cultura da vigilância". **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**, São Paulo, Cia. das Letras, 1991, pp. 91-108.

Publicação do texto da palestra apresentada no ciclo "Rede Imaginária: Televisão e Democracia". Vide item 4.30.

6.2.40. "A simulação da imagem". **Linguagens**, Porto Alegre, nº 4, 1991, pp. 81-93.

Publicação do texto da palestra apresentada no III Congresso Brasileiro Internacional de Semiótica. Vide item 4.29.

6.2.41. "O telejornal em tempo de guerra". **Revista USP**, São Paulo, nº 12, dez/91-fev/92, pp. 172-185.

A Guerra do Golfo Pérsico permitiu entender melhor o modo de funcionamento do telejornal e seu papel numa sociedade democrática.

6.2.42. "La culture de la surveillance". **Chimaera**, Montbéliard, nº spécial 2, 1992, pp. 43-64.

Tradução para o francês do texto referido em 6.2.39.

6.2.43. "Les Multiples Fenetres de Sandra Kogut". **Chimaera**

**Monographie**, Montbéliard, nº 11, 1992, p. 23-47.

Uma das mais importantes artistas do vídeo surgidas no Brasil nos últimos anos foi Sandra Kogut. O artigo tenta acompanhar o percurso de sua obra.

6.2.44. "Videos y Lenguaje". **Video Cuadernos**, Buenos Aires, nº 1, 1991, pp. 55-61.

Exame dos três principais aspectos de linguagem da imagem eletrônica: a) o procedimento metonímico; b) o caráter processual; c) a ênfase na metamorfose.

6.2.45. "O Imaginário Numérico". **Revista ForumBHZVídeo**, Belo Horizonte, nº 1, 1992, pp. 46-57.

Texto da palestra apresentada no I Festival de Vídeo de Belo Horizonte. Vide item 4.44.

### **6.3. Artigos jornalísticos:**

#### **6.3.1. Publicados no jornal Folha de São Paulo:**

"Duas visões do mundo dos loucos", 24.07.84, p. 30.

"Os rostos e olhares do garimpo", 03.08.84, p. 42.

"Carrancas e máscaras do Planalto", 14.08.84, p. 28.

"Lirismo nas imagens do passado", 21.08.84, p. 28.

"Um viciado erotismo de proveta", 31.08.84, p. 42.

"Griffith, um genuíno artesão", 02.09.84, p. 69.

"As fantásticas paisagens dos sonhos", 07.09.84, p. 38.

"A magia e a criatividade dos franceses", 14.09.84, p. 41.

"O professor responde ao comentarista de TV", 19.09.84, p.33

"Dança cromática nas ruas de Belém", 25.09.84, p. 29.

"Imagens de um mundo proibido", 03.10.84, p. 39.

"A reinvenção de uma paisagem", 16.10.84, p. 31.

"O olhar essencial de um poeta", 18.10.84, p. 29.

"Os novos rumos da holografia", 23.10.84, p. 31.

"O mito e a desintegração da imagem", 07.11.84, p. 41.

"O cromos e as novas tendências", 13.11.84, p. 35.

"Os grandes momentos de Bresson", 13.11.84, p. 36.

"Cores, fantasmas e criatividade", 30.11.84, p. 47.

"O poético lixo da civilização", 04.12.84, p. 33.

"Olhar íntimo sobre a caatinga", 18.12.84, p. 33.

"Os brasileiros, ausentes dessa mostra", 21.12.84, p. 50.

"Um perturbador retrato dos subúrbios", 28.12.84, p. 42.

"Imagens eternas dos anos 60", 11.01.85, p. 49.

"Uma galeria de tipos humanos", 15.01.85, p. 34.

"Imagens eloquentes da cidade", 27.01.85, p. 63.

"Mostra de qualidade no salão Fuji", 03.02.85, p. 61.

"O México segundo Bravo", 11.02.85, p. 26.

- "Estimulante gesto de liberdade", 22.02.85, p. 41.  
 "Os fantasmas e a realidade", 06.03.85, p. 45.  
 "A recuperação do espaço renascentista", 12.03.85, p. 37.  
 "Donasci e suas vídeo-criaturas", 14.03.85, p. 49.  
 "Imagens do tempo do Império", 05.04.85, p. 33.  
 "Fotos que negam uma instituição", 07.04.85, p. 49.  
 "Lição inglesa de retórica da imagem", 23.04.85, p. 35.  
 "O cotidiano do gueto de Varsóvia", 24.04.85, p. 51.  
 "Cores e ritos dos Orixás", 06.05.85, p. 23.  
 "As imagens dos anos do 'milagre'", 17.05.85, p. 45.  
 "As luzes e emoções da Amazônia", 22.05.85, p. 41.  
 "O intenso exercício do olhar", 29.05.85, p. 39.  
 "O rigor e a emoção do olhar", 09.06.85, p. 74.  
 "Roteiro do viajante imaginário", 12.06.85, p. 47.  
 "Imagens da fantasia de dois carnavais", 18.06.85, p. 34.  
 "Visão eufórica do proletariado", 25.06.85, p. 33.  
 "Os gestos do ator em cenas mágicas", 10.07.85, p. 38.  
 "Rádios livres, o canal selvagem", 14.08.85, p. 40.  
 "Enigmas da gangue dos novatos", 16.08.85, p. 45.  
 "A mágica paisagem do sertão", 10.09.85, p. 31.  
 "Abordagem provocante", 08.12.85, p. 95.  
 "Transmissão elevada ao cubo", 12.10.86, p. 48.  
 "Reinventar a parafernália eletrônica", 07.12.86, p.A-60.  
 "A modernidade da colorização", 03.12.88, p. A-3.  
 "A odisséia 'Tron' denuncia o futuro do cinema", 12.01.89,  
 p.E-5.

### 6.3.2. Publicados em outros jornais:

- "Arte e reivindicações", **O Povo**, Fortaleza, 25.08.84, p. 14.  
 "A reforma agrária no ar", **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro,  
 07.03.86, Caderno B, p. 10.  
 "Revelações por dentro da câmera escura", **O Estado de São Paulo**,  
 22.03.87, Caderno 2, p. 4.  
 "O filme negro de Marguerite Duras", **O Estado de São Paulo**,  
 27.08.88, Caderno 2, p. 5.

## 7. OUTRAS ATIVIDADES:

7.1. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Marc Ferrez de Fotografia, promovido pelo Instituto Nacional de Fotografia da Funarte, em 1984.

7.2. Curador, juntamente com Júlio Plaza, da exposição **Arte e Tecnologia**, exibida de 02 a 08.09.85 no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

7.3. Membro da Comissão de Televisão do Prêmio Lei Sarney à Cultura Brasileira, em 1988.

7.4. Membro do Juri do 8th. Fotoptica International Video Festival, em São Paulo, de 9 a 15/11/90.

7.5. Seleccionador da mostra brasileira de vídeo para o Videoarco'91, evento integrado à FERIA Internacional de Arte Contemporaneo, em Madrid, Espanha, de 7 a 12.02.91.

7.6. Membro do juri do Festival de Vídeo de Belo Horizonte, de 27.11.91 a 01.12.91.

7.7. Curador do evento **Cinevídeo - O Diálogo Cinema e Vídeo**, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, de 16 a 25.06.92.

## 8. REALIZAÇÕES CINEMATOGRAFICAS:

8.1. **O Apito da Panela de Pressão** (16 mm, 26 min. Eastmancolor), 1977: realização coletiva.

8.2. **A Vaca Sagrada** (16 mm, 25 min., Eastmancolor), 1978: roteiro e direção. Produzida por Focus 2.

8.3. **Influência do Álcool nas Atividades Psicomotoras Envolvidas no Ato de Dirigir Veículos** (35 mm, 10 min., Eastmancolor), 1978: roteiro e direção. Produzida por Spectrus Filmes/Departamento Nacional de Trânsito.

8.4. **Privação de Sono Paradoxal e Sistemas Dopaminérgicos Cerebrais do Rato** (16 mm, 10 min., Eastmancolor), 1979: roteiro e direção. Produzida por Spectrus Filmes.

8.5. **Complemento Nacional** (16 mm, 12 min., preto e branco Plus X), 1979: roteiro, produção e direção.

8.6. **Cubatão Transfigurada** (35 mm, 8 min., Eastmancolor), 1981: roteiro e direção. Produzida por Spectrus Filmes.

## 9. ENSAIOS FOTOGRÁFICOS:

9.1. "Jornal Nacional", preto-e-branco, 1980. Parcialmente publicado em **Folha de São Paulo**, 09.09.84, Folhetim, 399, pp.6-7.

9.2. "New York Subway: graffiti 82", Kodakolor, 1982.

9.3. "A transgressão punk", preto-e-branco, 1982. Parte publicada em **Rock: a música do século XX**, Rio de Janeiro, Riográfica, cap. 12, pp. 287-288.

## 10. TESES ORIENTADAS E DEFENDIDAS:

10.1. "As Seqüências Telejornalísticas (Estudo Descritivo do JN)". Soraya Maria Ferreira Vieira. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Defesa pública: 27.03.92.

10.2. "O Imaginário Digital - Considerações sobre as Premissas Básicas da Modelagem Geométrica Computadorizada". Suely Dadalti Fragoso. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Defesa pública: 26.05.92.

10.3. "Gênese de 'Deus e o Diabo na Terra do Sol'". Josette Maria Alves de Souza Monzani. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Defesa pública: 29.10.92.

10.4. "Desígnios do Design". Alberto Irineu Puppi. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Defesa pública: 18.11.92.

10.5. "Percursos do Ideograma - O Processo de uma Linguagem". Laura Tey Iwakami. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Defesa pública: 07.12.92.

## **11. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS:**

### **11.1. Exames de qualificação:**

11.1.1. Enio Leite Alves. Escola de Comunicações e Artes da USP, 17.05.88. Orientadora: Anamaria Fadul.

11.1.2. Berenice Carvalho. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 04.06.88. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.3. Conrado Paschoale. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 15.08.88. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.4. Ana Cláudia de Oliveira. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 15.09.88. Orientador: Fernando Segolin.

11.1.5. Artur Matuck. Escola de Comunicações e Artes da USP, 05.12.88. Orientador: Walter Zanini.

11.1.6. José Afonso Pontin. Escola de Comunicações e Artes da USP, 12.12.88. Orientadora: Anna Maria Balogh.

11.1.7. Ana Judite Monteiro Barros. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 13.03.89. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.8. Maria Leticia R. Viana. Escola de Comunicações e Artes da USP, 02.06.89. Orientadora: Dulcilia Helena Schroeder Buitoni.

11.1.9. Sônia Guedes do Nascimento Leal. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 05.06.89. Orientadora: Samira Chalhub.

11.1.10. Rejane Caetano Augusto. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 21.07.89. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.11. Roseni Cecília Calza. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 28.11.89. Orientador: Amálio Pinheiro.

11.1.12. Antônio Quaresma Filho. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 08.12.89. Orientadora: Ana Maria Alfonso Godfarb.

11.1.13. Maria Cristina da Silva Martins. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 22.02.90.

Orientador: Amálio Pinheiro.

11.1.14. João Batista Torres Rocha. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 27.04.90. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.15. Milton Sogabe. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 25.05.90. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.16. Celisa Carolina Alvares Marinho. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 08.06.90. Orientadora: Samira Chalhub.

11.1.17. Philadelpho Menezes Neto. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 26.03.91. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.18. Christine Greiner. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 18.12.91. Orientadora: Sílvia Anspach.

11.1.19. Sueli Dadalti Fragoso. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 21.02.92. Orientador: Arlindo Machado.

11.1.20. Laura Tey Iwakami. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 26.02.92. Orientador: Arlindo Machado.

11.1.21. Heloísa Fonseca de Arruda. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 27.02.92. Orientadora: Sílvia Anspach.

11.1.22. Cid Ney Ávilla Macedo. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 25.03.92. Orientadora: Samira Chalhub.

11.1.23. Regina Ferreira da Silva. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 25.03.92. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.1.24. Edson do Prado Pfutzenreuter. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 02.07.92. Orientadora: Cecília Almeida Salles.

11.1.25. Elizabeth Bento da Silva e Almeida. Escola de Comunicações e Artes da USP, em 25.08.92. Orientadora: Maria do Carmo Gross Nitschecap.

11.1.26. Tânia Callegaro. Escola de Comunicações e Artes da USP, em 09.11.92. Orientador: José Manuel Moran Costas.

## **11.2. Defesas de dissertação/tese:**

11.2.1. Sílvia Rachel Chiabai. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 27.06.88. Orientador: Fernando Segolim.

11.2.2. Sandra de Camargo Rosa. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 11.04.89. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.2.3. Rejane Caetano Augusto. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 22.04.89. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.2.4. José Afonso Pontin. Escola de Comunicações e Artes da USP, 17.10.89. Orientadora: Anna Maria Balogh.

11.2.5. Maria Cristina da Silva Martins. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 24.09.90. Orientador: Amálio Pinheiro.

11.2.6. Milton Sogabe. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 12.10.90. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.2.7. Fernando Cury de Tacca. Instituto de Artes da UNICAMP, 22.10.90. Orientador: Etienne Samain.

11.2.8. Fernão Vitor Pessoa de Almeida Ramos. Escola de Comunicações e Artes da USP, 15.05.92. Orientador: Ismail Xavier.

11.2.9. Christine Greiner. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 09.06.92. Orientadora: Sílvia Anspach.

11.2.10. Celisa Carolina Alvares Marinho. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 08.07.92. Orientadora: Samira Chalhub.

11.2.11. Rozélia de Lourdes Medeiros Tavares de Lima. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, 14.10.92. Orientadora: Lúcia Santaella.

11.2.12. Heloísa Fonseca de Arruda. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, 05.11.92. Orientadora: Sílvia Anspah.

## **12. ATUAIS ORIENTANDOS:**

12.1. "O espaço projetivo bidimensional como fator determinante do redesenho da figura pictórica". Wilton Luiz de Azevedo.

12.2. "Linguagem e paródia em Juó Bananere". Cristina Fonseca Silva Rennó, mestrado.

12.3. "Anatomia do clichê". Sílvia Rachel Chiabai, doutorado.

12.4. "Recursos de linguagem na computação gráfica". Suely Dadalti Fragoso, doutorado.

12.5. "Poética da luz: visualização plena de formas tridimensionais em movimento". Tânia Fraga, doutorado.

12.6. "O processo de construção narrativa em 'Deus e o Diabo na Terra do Sol' de Glauber Rocha". Josette A. de Souza Monzani, doutorado.

12.7. "O cinema dos primeiros tempos". Flávia Cesarino Costa, mestrado.

12.8. "Televisão e vídeo independente: relações e conflitos". Sylvia Beatriz Bezerra Furtado, mestrado.

12.9. "A inserção do vídeo no cinema". Pedro Nunes Filho,

doutorado.

### 13. PESQUISAS EM ANDAMENTO:

13.1. **Florestas de Olhos: Ensaio sobre o Sujeito do/no Cinema:** pesquisa que vem sendo desenvolvida com bolsa do CNPq e cujo objetivo principal é discutir o estatuto do "narrador" cinematográfico. Compreende as seguintes partes:

A) Introdução: crítica das tentativas de se adaptar teorias específicas da narrativa literária (como as do foco narrativo) à ficção cinematográfica. Levantamento da especificidade do sujeito cinematográfico.

B) Ubiquidade e transcendência: O nascimento da noção de ponto de vista na pintura clássica do Renascimento. Incorporação desse conceito à fotografia e ao cinema, com a incorporação do código da perspectiva geométrica.

C) O olho privado e seu duplo: Considerações acerca da narração com "câmera subjetiva" e representação da instância vidente. Análise de dois filmes construídos segundo essa técnica narrativa: **Lady in the Lake** (R.Montgomery) e **Film** (A. Schneider).

D) A janela do voyeur: Análise de uma modalidade narrativa que se coloca a meio caminho entre o técnica da "câmera subjetiva" e a contraposição de olhares através do campo/contracampo. O modelo aqui é **Rear Window** (A. Hitchcock).

E) A esquisse do olhar: Considerações a respeito de uma modalidade narrativa contruída com base na organização dos olhares dos personagens. O modelo básico aqui é a técnica do campo/contracampo. Análise de uma seqüência do **The Birds** (A.Hitchcock).

F) O sistema da sutura: Conceito introduzido por J.P.Oudart na teoria do cinema e que diz respeito à relação do sujeito com a cadeia do seu discurso. Análise de uma seqüência de **The General** (B.Keaton).

G) O espectador no texto: Conceito introduzido por Nick Browne e que compreende o sujeito cinematográfico como o resultado de um emolduramento criado pelo conjunto inteiro do "texto" fílmico. Análise de uma seqüência de **Stagecoach** (J.Ford).

H) Projeções do ego, espelho: A relação ambígua, estabelecida pela psicanálise, entre o sujeito que percebe e o sujeito que é percebido é aqui encarada em seu funcionamento no cinema.

13.2. **As Origens do Cinema. O Cinema das Origens:** pesquisa sobre os primeiros 20 anos de história do cinema, antes da constituição da linguagem dita "clássica" da cinematografia. A pesquisa se concentra apenas nos problemas da construção de formas narrativas e abrange as seguintes partes (o plano de pesquisa completo encontra-se anexado no final deste volume):

A) Aspectos sócio-econômicos do cinema "primitivo": condições

econômicas, caracterização do público e do espaço geográfico, gêneros e aspectos institucionais do cinema dos primeiros tempos.

B) Características estruturais do cinema "primitivo": características topológicas e "narrativas" do quadro cinematográfico praticado nos primeiros tempos.

C) Fragmentação e linearização narrativas: análise dos primeiros filmes que tentaram fragmentar a ação em "planos" e colocá-la numa sucessão linear.

D) O difícil aprendizado da linearização: estudo das dificuldades de se contar uma história através de meios cinematográficos e dos problemas estruturais derivados da fragmentação da ação em "planos".

E) Evolução da linearização: 1) o filme de perseguição: análise do primeiro "gênero" cinematográfico que funda a sucessão narrativa e o processo de linearização da imagem.

F) Evolução da linearização: 2) a pulsão escópica: o erotismo do olhar permitiu introduzir tomadas "subjetivas" no cinema, aproximar a câmera do personagem e justificar as ampliações dos figurantes através do **close up**.

G) Evolução da linearização: 3) campo e contracampo: Estudo do processo segundo o qual a montagem paralela (praticada por Griffith em seus primeiros filmes) resulta na técnica do campo/contracampo.

H) O nascimento do plano: Dificuldades de conceituação dessa categoria que é uma das mais fundantes e das mais obscuras da linguagem cinematográfica: o "plano".

I) As regras de continuidade: Para esconder as elipses de tempo e a quebra da homogeneidade do espaço, decorrentes da fragmentação da ação em "planos", o cinema começou a forjar, desde os primórdios, regras de continuidade, a maioria delas válidas ainda hoje.

J) O sincronismo imagem/som: No final da década de 20, o som sincronizado culmina um processo de implantação de um modelo de cinema, aquele da linearização narrativa.

**13.3. Processos de significação na modelação e animação por computador**: Estudo dos principais algoritmos de modelação e animação por computador, bem como tentativa de esboçar uma semiótica das imagens sintéticas. A pesquisa faz parte das atividades referentes à contratação em regime de turno completo pela ECA/USP. São as seguintes as etapas da pesquisa:

A) Modelação sólida: metamorfoses, mudança de perspectiva e recorte, geometria sólida construtiva, remoção de linhas ocultas, **anti-aliasing, rendering**.

B) Curvas matemáticas complexas: estudo dos algoritmos de Hermite, Bézier, Riesenfeld e Barsky.

C) Modelos de iluminação: Estudo dos algoritmos de Lambert,

Gouraud, Phong, do **ray tracing** e radiossidade.

D) Mapeamento de texturas: estudo dos algoritmos de perturbação das normais e dos recursos de parametrização de superfícies.

E) Matemáticas do caos e do acaso: sistema de partículas de Reeves, modelação graftal de Smith e geometria fractal de Mandelbrot.

F) O simulacro do homem: técnicas de rotoscopia, modelação por procedimentos, modelação de expressões fisionômicas e simulação da voz.

G) Semiótica das imagens numéricas: estudo da novidade introduzida pelo conceito de **simulação** em relação ao conceito tradicional de **representação**. A abordagem compreende o exame dos seguintes tópicos: o conceito de simulação e simulacro, o realismo conceitual, a imagem virtual, extensões e limites da computação gráfica.

São Paulo, 25 de janeiro de 1993.



**Arlindo Ribeiro Machado Neto**